

História do Sábio Fechado na sua Biblioteca

Manuel António Pina

Ilustrações de Guilherme Castro

NARRADOR – Era uma vez um velho Sábio que tinha lido todos os livros e sabia tudo. Nada do que existia, e mesmo do que não existia, tinha para si segredos. Sabia quantas estrelas há no céu e quantos dias tem o mundo. Conversava com os animais e com as plantas e conhecia o passado, o presente e o futuro. Até sabia que um dia, hoje, a esta hora... *(Para o público, interrompendo a narração:)* Quantas horas são?

Os espectadores dizem-lhe que horas são. O Narrador consulta também o seu relógio.



NARRADOR – Deixem lá, são as horas que forem... Dizia eu que o Sábio até sabia que um dia, hoje, a esta hora (sejam lá que horas forem), eu estaria aqui a contar-vos esta história.

Como sabia todas as coisas e não tinha nada de novo para saber e conhecer, a sua vida era muito triste e desinteressante. Era uma vida sem espanto, onde nada de novo e surpreendente acontecia e todos os dias eram iguais a todos os dias. Mesmo coisas tão estranhas e misteriosas, como, por exemplo, os cortinados do quarto agitando-se, à noite, ou os móveis rangendo como se falassem uns com os outros, não tinham para ele qualquer mistério.

Às vezes apetecia ao Sábio não saber qualquer coisa, poder perguntar a alguém qualquer coisa que não soubesse. Por exemplo, poder perguntar as horas; ou “Que dia é hoje?”; ou “Tem passado bem?” a alguém. Mas vivia fechado na sua Biblioteca e não tinha ninguém a quem perguntar nada. E, mesmo se tivesse, mal acabava de pensar numa pergunta, já sabia a resposta antes que lhe respondessem.

Até que, um dia, bateu à porta da Biblioteca um Estrangeiro. O Sábio abriu-lhe a porta e o Estrangeiro disse:

ESTRANGEIRO – Venho buscar-te.

SÁBIO – Eu sei. És a Morte.

ESTRANGEIRO – Não sou nada a Morte, sou um Estrangeiro.

SÁBIO – Eu sei tudo, e sei que és a Morte.

ESTRANGEIRO – Enganas-te. Venho da parte do Imperador que quer falar contigo porque está a morrer e ouviu dizer que só tu sabes como são os lugares para onde se vai quando se morre.

SÁBIO – Não me iludes, Morte. Vieste buscar-me para me levar ao Reino das Sombras e não ao Palácio do Imperador.

ESTRANGEIRO – Se não acreditas em mim, vou-me embora.

O Mensageiro sai. O Narrador tira a máscara e, sob ela, revela-se a máscara da Morte.

NARRADOR – A Morte ficou zangadíssima por ter sido reconhecida, pois tinha tido um trabalho a disfarçar-se de Estrangeiro. Mas, como a Morte é muito

teimosa, passados alguns dias, disfarçou-se de novo e voltou a bater à porta da Biblioteca.

O Narrador coloca uma máscara de Palhaço sobre a máscara da Morte e bate à porta da Biblioteca.



PALHAÇO – Venho buscar-te.

SÁBIO – Eu sei. És outra vez a Morte.

PALHAÇO – Estás enganado, venho buscar-te para te levar a uma festa. A cidade tem muito orgulho em ter um homem tão sábio e tão ilustre entre os seus habitantes e o Governador decidiu organizar uma grande festa em tua honra.

SÁBIO – Não, Morte, não me enganas Eu sei que vieste buscar-me para me levar ao Reino das Sombras e não à Festa do Governador.

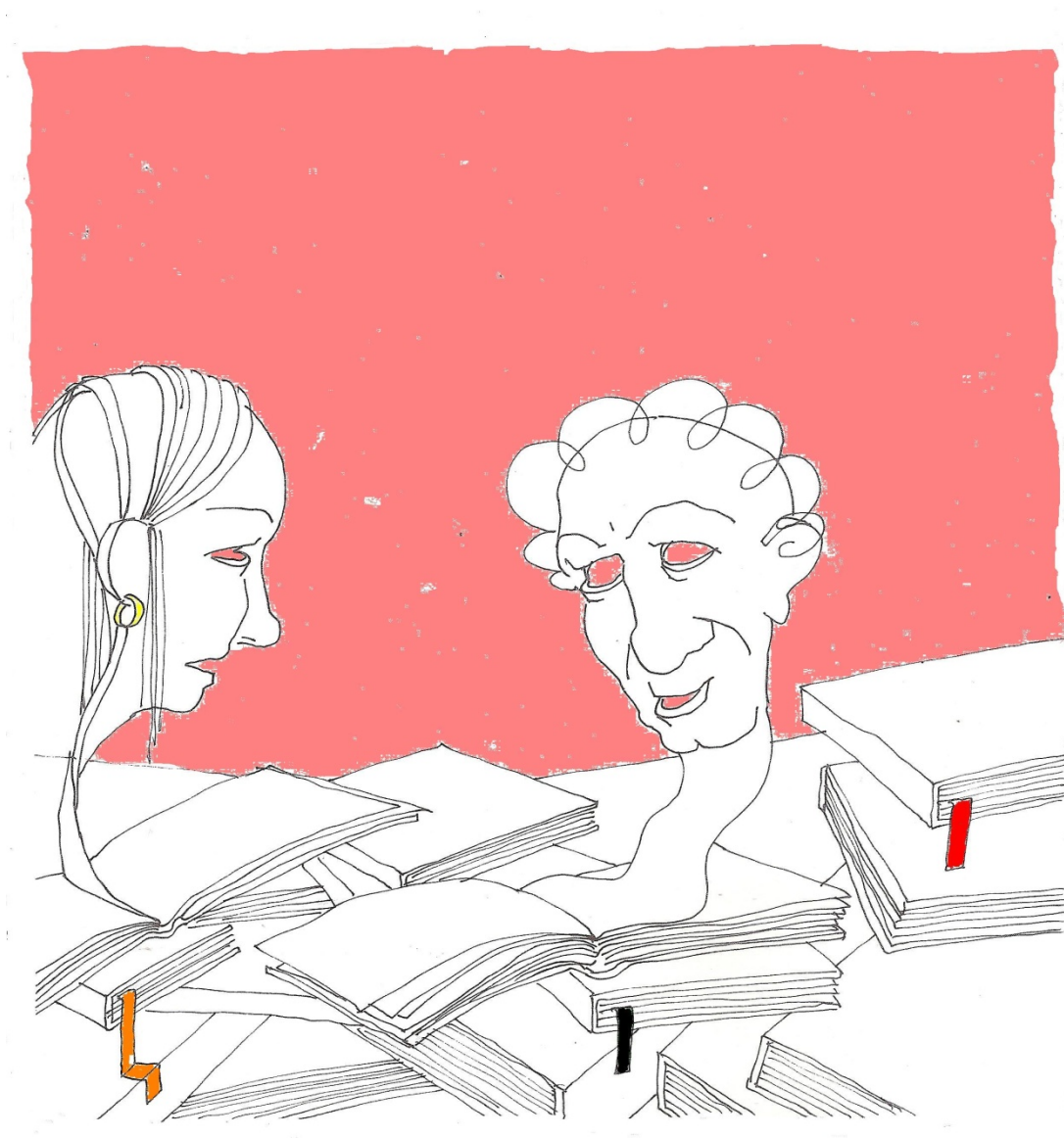
PALHAÇO – Se não acreditas em mim, vou-me embora. Mas o Governador vai ficar muito aborrecido com a tua recusa...

O Narrador tira a máscara de Palhaço e fica de novo com a da Morte posta.

NARRADOR – A Morte estava cada vez mais zangada, porque estava escrito algures (no sítio onde essas coisas estão escritas) que o Sábio deveria morrer sem reconhecer a Morte e sem saber que morria.

Por isso, alguns meses depois, voltou a aparecer-lhe, desta vez disfarçada de uma linda Rapariga.

A Morte põe a máscara de Rapariga e bate à porta da Biblioteca.



RAPARIGA – Venho pedir-te em casamento. Vem comigo, os convidados já chegaram, a boda já está servida...

SÁBIO – Aceito o teu noivado, Morte, e irei contigo.

RAPARIGA – Enganas-te. Eu não sou a Morte, sou aquela que há muitos anos amaste, lembraste?

SÁBIO – Sim. Como poderia esquecer-me de ti? Há quanto tempo te esperava, Morte!

RAPARIGA – Também eu, durante todos estes anos não te esqueci. Por isso venho agora buscar-te para te levar comigo e sermos felizes para sempre.

SÁBIO – Não, Morte. Eu sei tudo e sei que, sob essa máscara, se esconde o rosto da Morte. Vens buscar-me porque queres levar-me contigo para o Reino das Sombras. E eu irei contigo de bom grado porque já aprendi tudo o que há para aprender e a vida, para mim, já não tem interesse algum.

RAPARIGA (*Tristemente*) – Vejo que esqueceste de mim. E que estás tão velho que confundes o Amor e a Morte.

NARRADOR (*Tirando a máscara de Rapariga e, sob ela, tirando também a da Morte, e atirando com ambas ao chão*) – A Morte ficou muito contrariada por ter sido de novo descoberta e, por isso, não poder levar consigo o Sábio. Mas, como tem muito tempo, continuou durante muitos e muitos anos a tentar apanhá-lo desprevenido. Ele, porém, reconhecia-a sempre, apesar de a Morte ser muito imaginosa e de usar muitos disfarces.

Ora, ao fim de tantos anos de vida, a verdade é que o Sábio estava cansado de viver. Ainda por cima uma vida tão triste e tão aborrecida, sem nada dela que não soubesse, fechado na Biblioteca rodeado de livros que já lera mil vezes. Como sabia tudo, sabia que só poderia morrer se não reconhecesse a Morte quando ela chegasse, mas sabia também que a reconheceria de todas as vezes que ela lhe batesse à porta.

SÁBIO – Ai de mim! Estou tão velho e tão cansado! Li todos os livros do Mundo, aprendi todas as coisas que é possível aprender, conheço todos os mistérios da vida e da morte. Mas tudo o que sei é inútil e silencioso, sem amigos e sem ninguém com quem conversar, porque as pessoas têm medo de mim e não se aproximam, temendo que eu conheça os seus segredos e não

podendo suportar isso. Até morrer me está vedado, porque nem mesmo a Morte, com os seus mil disfarces, me pode surpreender!

Ai de mim, ao fim de tantos anos e de tantos livros, que posso ainda desejar se não a Morte? Oh, quanto gostaria de a conhecer por fim! Mas vivo enclausurado, sou prisioneiro do que sei e do que aprendi. O meu corpo está seco e gasto como um velho pergaminho, o meu coração não se alvoroça nem bate mais depressa com coisas inesperadas e novas, porque para mim nada é novo e tudo se repete. Cada um dos meus dias é igual ao outro dia, cada hora igual à hora anterior. Como eu gostaria de sair da minha Biblioteca, mas, para isso, teria que sair de mim, porque eu próprio sou a Biblioteca. Como ela, não estou vivo nem estou morto, estou fechado dentro de mim como num labirinto ou como se fosse um livro antigo escrito numa língua desconhecida, que ninguém, nem mesmo a Morte, é capaz de ler.

NARRADOR – Então o Sábio, como a Morte não podia alcançá-lo, e porque estava cansado de viver e de saber tudo, decidiu ir ele à procura o Reino das Sombras.

Durante meses e meses fez cálculos matemáticos, estudou mapas, traçou rotas. Até que acabou por descobrir o lugar exacto onde era o tal Reino das Sombras. E, um dia, depois de ter posto as suas melhores vestes, para lá partiu.

Viajou durante muito, muito tempo. Cruzou rios e florestas, subiu montanhas, atravessou desertos. E, quando passava nas aldeias, as pessoas curvavam-se respeitosamente diante dele e afastavam-se logo, murmurando: “É o Sábio. Diz-se que conhece o passado, o presente e o futuro...”

Até que um dia, numa vereda, se lhe dirigiu um velho coberto de andrajos.



MENDIGO – Tenho fome. Dá-me, por Deus, alguma coisa de comer.

O Sábio estremeceu. Nos seus livros, fechado na sua Biblioteca, tinha muitas vezes lido coisas sobre a fome. Mas nunca tinha tido fome. E agora, de repente, tudo o que aprendera nos livros parecia-lhe pouco. Meteu a mão na bolsa procurando algo que dar ao Mendigo, mas na bolsa trazia apenas livros e tratados.

SÁBIO – Desculpa, bom homem, mas comigo só trago livros.

MENDIGO – Aceito os teus livros. Talvez alguém me dê qualquer coisa por eles e eu possa comprar que comer.

NARRADOR – O Sábio tirou da sua bolsa todos os livros que levava e entregou-os ao Mendigo. Sentou-se numa pedra à beira da estrada. Sentia-se fraco, as pernas pareciam não ser capazes de suportar o peso do seu corpo, e o Sábio lembrou-se então de que não comia há muitos dias.

O Mendigo aproximou-se dele e disse:

MENDIGO – Vejo que também tens fome. Vou à aldeia vender os teus livros e voltarei com alguma coisa para comermos ambos.

NARRADOR - O Mendigo partiu em direcção à aldeia e o Sábio ficou a pensar:

SÁBIO – É então isto a fome... Que coisa estranha, não é nada parecido com o que vem nos livros...

NARRADOR – O Sábio sentiu uma estranha alegria apossar-se dele e, quando o Mendigo regressou com alguns bocados de pão, comeram ambos sofregamente. No fim, o Sábio levantou-se, abraçou o Mendigo e disse:

SÁBIO – Obrigado, bom homem. Ensinaste-me hoje algo que não se aprende em livro nenhum.

NARRADOR – O Sábio prosseguiu a sua longa viagem em direcção ao Reino das Sombras, feliz por saber que, afinal, havia alguma coisa que não sabia. Embora, na verdade, naquela altura tivesse ficado também a sabê-la...

Mais adiante encontrou, deitado sob uma árvore, um homem que gritava cheio de dores.

O Sábio aproximou-se e perguntou:

SÁBIO – Porque gritas?



DOENTE – Porque estou doente. Não vês como sofro?

NARRADOR – O Sábio pegou-lhe na mão. A mão estava húmida e febril e o Sábio sentiu-se subitamente inquieto. Nunca antes tinha tocado a mão de outro homem. A mão do homem apertou a mão do Sábio com toda a força, e o Sábio sentiu uma impressão estranha no coração, como se o seu coração tivesse ficado de repente mais pequeno. E então recordou que lera há muito tempo, num velho livro, algo sobre um sentimento confuso e angustiante, chamado compaixão, e percebeu que o seu coração estava cheio de compaixão. Apertou também ele a mão do homem e disse-lhe:

SÁBIO – Tem coragem. Conheço todos os segredos da Medicina e tentarei minorar o teu sofrimento.

NARRADOR – O Sábio colheu umas ervas e fez com elas um chá que deu a beber ao doente e este sentiu-se logo melhor. O doente beijou então as mãos do Sábio, dizendo:

DOENTE – Obrigado, obrigado. Agora já não tenho dores. Que posso fazer para te agradecer?

NARRADOR – O Sábio sentiu uma felicidade que nunca tinha sentido. Ajudou o Doente a levantar-se e respondeu:

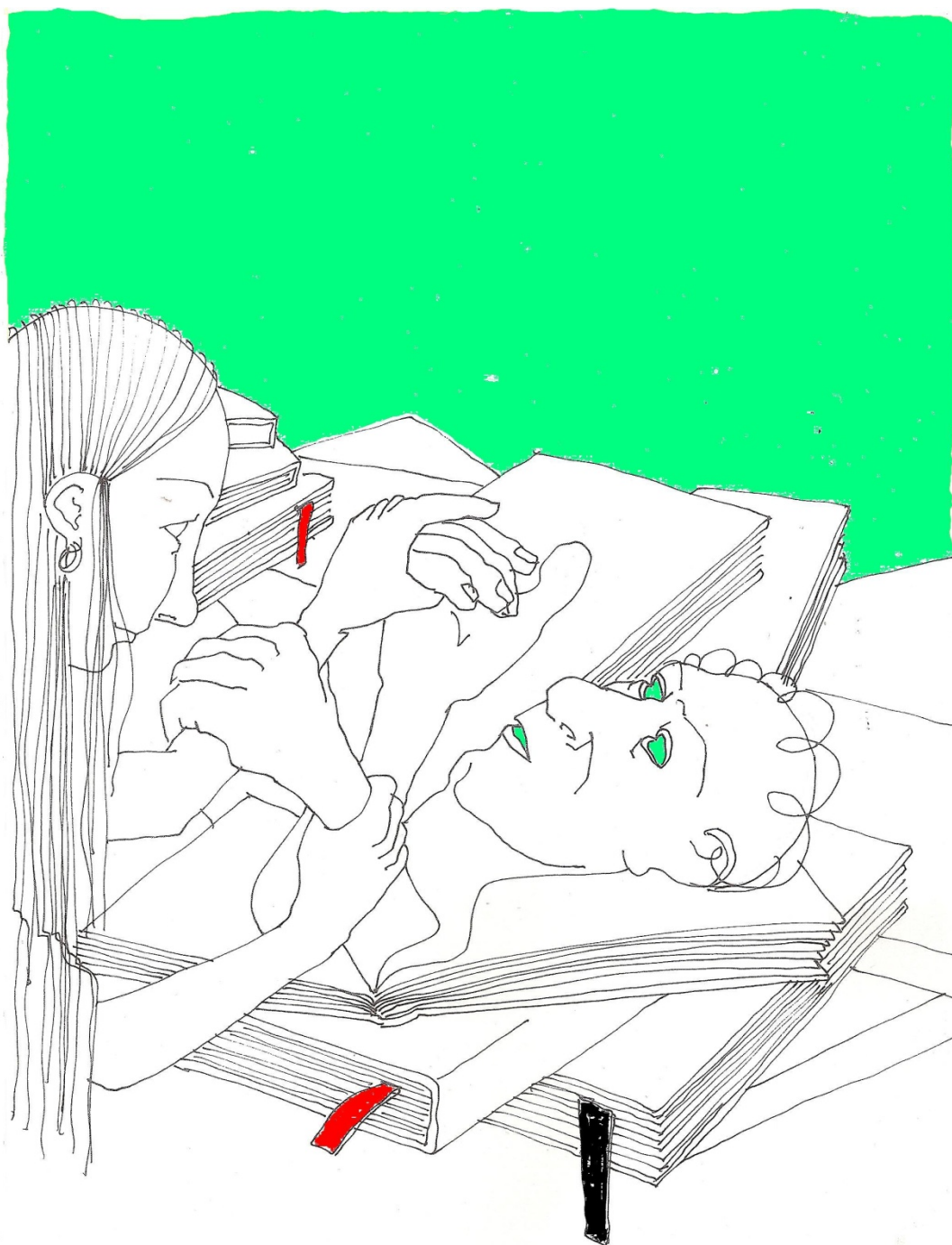
SÁBIO – Não tens que fazer nada para me agradecer. Eu é que te estou muito agradecido porque me fizeste aprender uma coisa que nenhum livro antes me ensinara.

NARRADOR – O Sábio despediu-se do doente, abraçando-o, e partiu de novo. Sentia-se misteriosamente leve e tranquilo como se, em vez de andar, flutuasse. O sangue corria-lhe nas veias com força e o dia parecia-lhe mais transparente e luminoso, os sons da floresta mais nítidos, o céu mais alto e mais limpo. Encheu os pulmões de ar fresco e pensou: “Deve ser isto a alegria. Que estranho sentimento! De repente, fiquei de bem comigo mesmo, como se estivesse zangado e tivesse feito as pazes comigo.” E recordou-se então de quando era criança, e a mãe, à noite, antes de adormecer, lhe aconchegava os lençóis e se debruçava sobre ele para lhe dar um beijo. “Há quanto tempo não me lembrava de minha mãe!”, murmurou. E, sem saber porquê (que bem que se sentia por não saber finalmente qualquer coisa!), tudo à sua volta, o mundo, a vida, ele próprio, lhe pareceu então fazer sentido, um sentido claro e misterioso que ele, que sabia tudo, não conseguia entender, mas sentia dentro de si como se tivesse encontrado uma coisa que há muito perdera e de que já se esquecera.

Por um momento, pensou em desistir de continuar o seu caminho ao encontro do Reino das Sombras. Mas a ideia de regressar à Biblioteca era-lhe agora mais insuportável que nunca e logo retomou a viagem.

Continuou a andar durante muitos dias e muitas noites até que, fatigado, se sentou numa pedra à beira da estrada e adormeceu de cansaço.

Então, em sonhos, apareceu-lhe de novo a Rapariga.



(A Rapariga agora não é uma máscara, é uma personagem real)

RAPARIGA – Lembras-te de mim?

SÁBIO – Lembro, meu amor. E tu, lembras-te de mim?

RAPARIGA – Como te podia esquecer? Lembras-te de quando passeávamos de mãos dadas junto ao rio?

SÁBIO – Fugíamos à escola e íamos nadar. Lembras-te daquele dia em que saltei o muro de um pomar e roubei uma romã para ti?

RAPARIGA – Oh, já foi há tanto tempo! Sabes que ainda guardo essa romã? Está seca e mirrada, tenho-a guardada na gaveta da mesinha de cabeceira e, às vezes, à noite, quando estou triste ou quando acordo cheia de medo, pego nela e fico durante horas a olhá-la.

(A Rapariga pega nas mãos do Sábio)

RAPARIGA - Também as tuas mãos estão agora secas e mirradas como a romã que um dia me deste.

(O Sábio aperta com força as mãos da Rapariga)

SÁBIO – As tuas não, as tuas continuam aveludadas e suaves. *(Acariciando-lhe o rosto:)* E o teu rosto é ainda belo como era. E os teus olhos doces. E o teu cabelo liso e macio.

RAPARIGA – Não, meu amor. Também eu envelheci. Passaram muitos anos, casei, tive filhos e netos, e agora, lembrando-me de mim e de nós, também eu me sinto como se fosse uma recordação guardada numa gaveta.

SÁBIO – Procurei-te durante tanto tempo!

RAPARIGA – E eu a ti. E só te encontrava nos meus sonhos.

SÁBIO – Sabes que há muitos anos que eu não sonhava? Na verdade, nem sequer dormia, fechava os olhos mas tinha medo do sono e de tudo o que se esconde atrás das suas portas. Sobretudo dos sonhos. Temia sonhar contigo e acordar e tu não estares ao meu lado.

RAPARIGA – Mas agora estou aqui e nunca mais te deixarei. Não acordes, não acordes...

SÁBIO – Não, não quero acordar.

RAPARIGA *(Dando-lhe a mão)* – Anda, vem comigo. Vamos de novo passear à beira-rio. Agora nada nem ninguém poderá separar-nos.

(Partem ambos, de mãos dadas, e desaparecem no Reino das Sombras).

NARRADOR – O Sábio abriu os olhos e verificou então, surpreendido, que estava no meio da sua Biblioteca, sentado, como sempre, à sua mesa de trabalho.

Como era muito sábio, depressa concluiu que tinha morrido. Tinha morrido precisamente no momento em que soube a última coisa de todas as coisas que havia para saber e, desde aí, não mais vivera. Apenas sonhara, sem saber que tinha morrido. Até a sua viagem ao Reino das Sombras tinha sido, também ela, um sonho.

Sem saber que tinha morrido... Afinal sempre tinha morrido sem saber que morria como estava escrito no Livro onde estão escritas, diz-se, todas as coisas da Vida e da Morte.

Pano